

METÁFORA NÁUTICA NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO: uma leitura do tradicional na contemporaneidade

NAUTICAL METAPHOR IN THE POETRY OF SOPHIA DE MELLO: a reading of the traditional in the contemporaneity

Amanda Pestana Pereira*

RESUMO: Este artigo se propõe a realizar uma leitura acerca das metáforas náuticas, enquanto *topos* poético, na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. Partimos do pressuposto que tais metáforas são ainda lugares-comuns de relevância para os estudos interessados no diálogo com a tradição literária. Assim, na intenção de ressaltar a criatividade que o fazer poético permite e que os poetas contemporâneos demonstram em suas obras, destacaremos três poemas em que buscaremos demonstrar como a poetisa portuguesa faz uso da metáfora náutica na contemporaneidade. Associaremos tal leitura às informações de cunho histórico acerca desse *topos* que será direcionada pela perspectiva teórica do filólogo alemão Ernst Robert Curtius (2013). Também faremos uma análise acerca dos tempos na obra da poetisa, em que nos valeremos das ideias do crítico e poeta Octavio Paz (2013), como suporte teórico.

Palavras-chave: Metáfora Náutica. *Topos*. Contemporaneidade. Tradição.

ABSTRACT: This article proposes to make a reading about nautical metaphors, while poetic *topos*, in the poetry of Sophia de Mello Breyner Andresen. We start from the assumption that such metaphors are still common places of relevance for studies interested in dialogue with the literary tradition. Thus, in order to emphasize the creativity that the poetic making allows and that the contemporary poets demonstrate in their works, we will highlight three poems in which we will try to demonstrate how the portuguese poetess makes use of the nautical metaphor in the contemporaneity. We will associate this reading with the historical information about this *topos* that will be directed by the theoretical perspective of the German philologist Ernst Robert Curtius (2013). We will also make an analysis about the times in the work of the poet, in which we will use the ideas of the critic and poet Octavio Paz (2013), as a theoretical support.

Keywords: Nautical Metaphor. *Topos*. Contemporaneity. Tradition.

1. INTRODUÇÃO

Não é de hoje que se discute a respeito do tradicional e do novo na Literatura. Acerca do conceito de tradição, Octavio Paz (2013) a define como “a transmissão de notícias, lendas, histórias, crenças, costumes, formação literária e

* Mestranda em Letras, pelo Programa de Pós Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: amandapereiralettras@gmail.com.

artística, ideias e estilos de uma geração para outra” (p.15). No que diz respeito à sua acepção clássica, ela designa a conjuntura na qual o fazer poético era estabelecido pelo princípio da *mimese* ou *imitatio* (modelo que impunha a transmissão de convenções adotadas na época, em função da relação de reverência que os escritores mantinham com outros, que eram considerados referências, devido à qualidade das suas obras). A transmissão dessas convenções estava ligada à manutenção da unidade cultural e à continuidade de um legado na Literatura.

Nos séculos XIX e XX, entretanto, os movimentos do Romantismo e do Modernismo, instauram novos anseios e os modelos tradicionais passaram a ser considerados elementos que inibiam a liberdade criadora dos artistas. Motivados por ideais que pregavam a livre expressão individual, românticos e modernos negaram toda uma herança, por séculos solidificada, e romperam com os padrões clássicos.

Paz (2013) cunha a expressão “tradição da ruptura” para designar o panorama moderno, no qual o fazer poético é marcado por ideias de ruptura em relação à tradição. É bastante perspicaz o uso dessa expressão, uma vez que nela persiste uma série de pensamentos que retratam o fenômeno da produção poética moderna como complexa, mas, ao mesmo tempo, questionável, principalmente, no que se refere à originalidade. Nesse sentido, ao criticar, parodiar, ironizar os temas do passado, essa geração e as posteriores dialogam com o tradicional e demonstram a influência desses valores que perduram ainda no cenário atual.

De acordo com essa perspectiva, o contato com a tradição revela que o abismo entre o antigo e o moderno foi reduzido. No século XX, na tentativa de romper definitivamente com o passado, palavras como novo e inédito experimentaram inicialmente um enorme prestígio com as vanguardas e, décadas depois, já apresentavam sinais de grande desgaste e saturação. Na contemporaneidade, por sua vez, o fazer poético apresenta-se livre, autônomo tanto para dialogar com a tradição, quanto para dar continuidade às ideias dos modernos. O limite é determinado pelo próprio poeta.

Isso posto, ressaltamos que na situação vigente, mesmo que se tome como referência os preceitos tradicionais, o poeta não procede do mesmo modo, uma vez que tempo e espaço impõem mudanças. O que se evidencia, então, é que muitos escritores

ainda se valem de modelos antigos, todavia, tendem a atualizá-los, dando-lhes nova roupagem, conforme acontece com os *topoi* poéticos.

Segismundo Spina (1995) define *topoi* como designações genéricas que indicam esquemas de pensamento, de sentimentos, de atitudes, de argumentação e esquemas em sua forma estereotipada. Em decorrência da interrupção das convenções, empreendida pelos românticos e modernos, tais moldes tiveram sua importância relativizada, às vezes vistos como elementos simplórios, clichês de uso universal na literatura. Independente dessa circunstância, o emprego dos *topoi* ainda hoje é corrente, não obstante, os poetas concedam a eles novas direções semânticas, fazendo com que demonstrem efeitos de sentidos diferentes dos já triviais.

Portanto, na intenção de ressaltar a criatividade que o fazer poético permite e que os poetas contemporâneos demonstram em suas obras, destacamos a presença da metáfora náutica na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, enquanto *topos* consagrado pela tradição poética (cristalizado na Idade Média). Por meio da análise desse lugar-comum, buscamos estabelecer um diálogo com a tradição. Ressaltamos que na poesia de Língua Portuguesa, o tema da navegação é bastante recorrente, sobretudo por motivos históricos. Célebres poetas, pertencentes a diversos quadrantes temporais, revisitam e se apropriam desse tema, produzindo obras que revelam sentimentos que alternam entre o medo e o desejo pela aventura marítima. Dessa forma, algumas das representações acerca das navegações versaram sobre conquistas e feitos heroicos, mesmo diante de circunstâncias adversas e perigosas, o que ocasionou memórias que se perpetuaram na História e na cultura da nação portuguesa.

Para desenvolvermos nossa análise, utilizaremos dois poemas em que buscaremos demonstrar como a poetisa portuguesa faz uso da metáfora náutica na contemporaneidade. Associaremos tal leitura às informações de cunho histórico acerca desse *topos* que será direcionada pela perspectiva teórica de Ernst Robert Curtius (2013). Posteriormente, faremos uma análise acerca do tempo passado (tomando como ponto de partida o evento histórico das Grandes Navegações) e do tempo contemporâneo, em que nos valeremos das ideias do crítico e poeta Octavio Paz, como suporte teórico. Finalmente, apontaremos nossas considerações finais. O *corpus* para este estudo é constituído por três poemas: dois extraídos da antologia *Mar* (2001), que

foram escolhidos por privilegiarem a temática da navegação e o terceiro, extraído da obra *Coral e outros poemas* (2018) que será utilizado para demonstrar a oposição acerca das ideias que cada tempo comporta em si, devido às transformações sociais, históricas e ideológicas que sofre.

2. NAVEGAÇÃO POÉTICA: a metáfora náutica na contemporaneidade

A História de Portugal está intimamente ligada ao mar. Com as Grandes Navegações, nos séculos XV e XVI, os portugueses conquistaram os mares, saíram à frente de outras nações e deram origem a um período de glórias. A literatura reproduziu esse momento de conquistas, através de muitas obras em verso, principalmente, por meio da famosa epopeia *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões, que eternizou o acontecimento histórico, revestindo-o de valores ideológicos e sociais pertencentes à conjuntura de então. Além disso, como é próprio da Literatura, aspectos imaginários foram acrescentados ao fato, situação que projetou os portugueses como heróis. O evento histórico tornou-se marcante e a literatura contribuiu para que ele se perpetuasse na memória cultural da nação.

Esse momento de glória conquistado com as navegações até hoje é bastante revisitado pelos escritores. É o que percebemos nos poemas extraídos da coletânea *Mar* (2001), de Sophia de Mello, obra organizada por sua filha, Maria Andresen. Dessa forma, por sua grande referência simbólica, propomos que os poemas sejam lidos tendo como plano de fundo esse tema de prestígio da cultura portuguesa.

NAVEGAÇÕES III

À luz do parecer a madrugada
Iluminava o côncavo de ausentes
Velas a demandar estas paragens

Aqui desceram as âncoras escuras
Daqueles que vieram procurando
O rosto real de todas as figuras
E ousaram – aventura a mais incrível –
Viver a inteireza do possível.
(ANDRESEN, 2001, p.69)

Em “Navegações III”, o dia está começando, por isso a luz está timidamente se mostrando. A noite ou o pouco do que resta dela está se despedindo, pois é madrugada, e os primeiros raios de sol estão chegando. Juntamente com a aurora chegam as embarcações “daqueles que vieram procurando o rosto real de todas as figuras”. Entre ancorar e viver a inteireza do possível realizaram “aventura a mais incrível,” qual seja, a navegação.

Nesse ínterim, o eu lírico revela que houve ousadia por parte dos navegadores, já que para navegar, face às difíceis condições de navegação da época, era necessário que houvesse esforço e bravura. Dadas as circunstâncias, procurar o rosto real de todas as figuras, isto é, avançar, ir além da região conhecida, dos lugares ainda não habitados, ver com os próprios olhos o que era retratado como monstros (através de relatos míticos, comuns a época) e descobrir os prováveis perigos mar adentro, exigia coragem. Segundo nos sugere o eu poético, estes ousados homens chegaram ao destino, através da “aventura a mais incrível”, trecho que se permite ler como uma metáfora náutica discretamente presente no poema. Do escuro das âncoras, se passou à luz da descoberta que proporcionou aos navegadores que “vivessem a inteireza do possível”.

A metáfora náutica é um *topos* de bastante recorrência desde a Antiguidade clássica e que se cristalizou na Idade Média. Quem nos informa acerca de seu emprego é o filólogo alemão Ernst Robert Curtius que na obra *Literatura Europeia e Idade Média latina* (2013) empreende um estudo genealógico e a situa, originariamente, entre os romanos, conforme podemos constatar: “os poetas romanos costumam comparar a composição de uma obra com uma viagem marítima. Compor é “fazer-se à vela, velejar” (p.175)”. Dessa associação da escrita poética a uma viagem marítima, o começo do poema seria o soltar as velas e seu término o colhê-las: “O final de todo poema é a entrada no porto lançando ferros ou não. O poeta torna-se marinheiro e seu espírito ou sua obra, o barco” (p.176). Nesse sentido, estabelece uma diferença entre o poeta épico e o lírico, afirmando que o primeiro viaja num grande navio sobre o largo mar, enquanto o segundo em uma pequena canoa e pelo rio.

Na Idade Média, as metáforas náuticas foram amplamente divulgadas e ainda se mantiveram, durante mais um tempo, após esse período. Alguns poetas que também se valeram delas foram Ovídio, Virgílio, Estácio. Em seu estudo, Curtius

(2013) enfatiza uma leitura voltada aos perigos da viagem marítima, principalmente quando se trata de a direção estar nas mãos de um nauta inexperiente ou pela embarcação apresentar-se frágil. As adversidades estavam por todos os lados: monstros marinhos, ondas encapeladas, ventos contrários e tempestades. O percurso nem sempre indicava bonança, às vezes, era necessário passar pelos escolhos.

Dante Tringali (1995), latinista e tradutor do poeta romano Horácio, destaca que a palavra viagem, etimologicamente, deriva de *via* e denota caminho (material ou espiritual) percorrido. O latinista ressalta que a viagem comporta uma ideologia que se expressa na atitude com que o autor se porta frente a ela, de forma implícita ou explícita. Para esclarecer esse ponto de vista, ele apresenta dois arquétipos que expressam o conflito em relação à expectativa de uma viagem (desperta sentimentos antagônicos como alegria e angústia). Os dois arquétipos foram extraídos de uma fonte histórica e de uma fonte literária, respectivamente: um episódio sobre a vida de Pompeu, contado por Plutarco (historiador); e a análise da obra do poeta romano.

Por meio do caso de Pompeu, a conclusão admitida é que para ele a viagem possuía um valor superior ao da própria vida. Os fatos contados por Plutarco ressaltam que Pompeu precisava realizar um carregamento de trigo do Egito a Roma, no entanto, o tempo apresentava condições adversas porque o mar estava revolto. Apesar de todas as insistências dos amigos que se preocupavam com os riscos visíveis aos quais Pompeu estava submetido, ele não voltou atrás, afirmando categoricamente que navegar era necessário, enquanto viver não. Por outro lado, Horácio não demonstra o mesmo interesse pela viagem marítima, preferindo viver bem, sem ameaças à serenidade da vida, tida por ele como um bem supremo. Para o poeta, o importante era desfrutar os prazeres do dia, por meio da segurança da vida no campo e das festas, principalmente.

Em “Navegações III”, há uma identificação com o arquétipo de Pompeu. A metáfora náutica expressa pela “aventura a mais incrível” dialoga com o enunciado de Pompeu: “Navegar é necessário, viver não é necessário”. No poema, a viagem marítima está voltada para a surpresa, a admiração, o deslumbramento frente às descobertas do diferente. Por isso, semelhante a Pompeu que coloca a viagem acima de todas as coisas, nos versos de Sophia também a viagem alcança uma dimensão superior, pois expressa um desejo por descobrir o novo que traz consigo seus mistérios e encantos. O eu lírico

anela por uma viagem que está além da que foi contada na História: ele almeja a viagem que busca encontrar algo de especial em cada descoberta que faz. Dessa leitura, o *topos* emerge do anseio por uma navegação que conduza a experiências novas, diferente do *topos* de origem clássica, em que a metáfora náutica se apresentava na associação com a escrita poética.

Conjecturamos que o querer navegar, que também representa um refúgio, está vivo no eu poético por conta da celeridade que a modernidade impôs - como veremos mais adiante no poema “Cidade”- que elimina a calma, a quietude e o contato com a natureza. Em contraposição ao tempo contemporâneo, o eu lírico busca a perfeição que está presente na representação de um tempo antigo, o das grandes navegações. Frisamos que esta representação nos fornece parâmetros para nossa análise que não esgota, porém, a amplitude de interpretações que o poema permite.

Segundo nos relata a História, os portugueses atingiram o apogeu nos séculos XV e XVI por terem sido os pioneiros a se lançarem na conquista pelos oceanos e iniciarem o processo de descobertas de novas terras, situação que modificou o conhecimento geográfico da época. Contornaram cabos e receberam a recompensa, conforme está destacado no poema abaixo:

NAVEGAÇÕES IV

Dolce color d’oriental zaffiro

Dante-Purg., Canto I – 7-5

Aqui viu o surgir em flor das ilhas
Quem vindo pelo mar desceu ao sul
E o cabo contornou para nascente
Orientando o cortar das negras quilhas

E sob as altas nuvens brancas liras
Os olhos viram verdadeiramente
O doce azul de Oriente e de safiras
(ANDRESEN, 2001, p.59)

Em “Navegações IV”, o eu poético descreve a cena das ilhas que aparecem num florescer, num desabrochar. Tal descrição denuncia o estado de admiração dos que lá estavam e a perfeição que representava descobrir cada lugar por onde passavam. Em seguida, traça o caminho percorrido (como se estivesse seguindo um mapa ou

construindo um): desce ao sul, contorna o nascente. A leitura do poema consegue transmitir as sensações dos movimentos de descer e contornar: à medida que o eu lírico apresenta o percurso, parece-nos ser possível acompanhar o movimento que a embarcação realiza. Através da navegação, eles vão desbravando, abrindo caminhos até que os olhos contemplan “o doce azul de oriente e safiras” (metáfora náutica, como veremos adiante). O jogo com as cores é bem marcante: negras quilhas, nuvens brancas, doce azul de safiras.

A navegação está associada ao desbravamento de rotas até então inexploradas, portanto, é necessário descer para o sul, contornar o cabo para leste. É necessário esforço, mas ao final, navegar é ver “o doce azul de Oriente e de safiras”. Eis a metáfora náutica, tal como afirmarmos anteriormente. Há nesse verso uma intertextualidade com a obra *A Divina Comédia*, do escritor italiano Dante Alighieri, conforme consta na epígrafe do poema.

Salientamos que os estudos dos *topoi* que estão situados no âmbito da Literatura Comparada, por meio da área disciplinar chamada Tematologia, explicitam as práticas da intertextualidade. Desde o século XIX, a intertextualidade expressa o diálogo que os poetas modernos têm travado com a tradição. Esse diálogo, como já mencionamos, na maior parte das vezes, apresenta-se de maneira irônica, paródica e crítica; contudo, revela também, que muitos desses poetas deram forma à sua própria obra com base nos temas consagrados do passado.

Segundo Antônio Donizeti Pires (2007), as técnicas do palimpsesto designam as práticas intertextuais modernas. Essas técnicas, no entanto, diferem do conceito de *mimese ou imitatio* dos antigos. A intertextualidade presente nos textos modernos questiona tanto as práticas miméticas antigas, quanto o conceito de originalidade extrema na Literatura e enfatiza a ideia de que a produção poética se nutre da própria poesia, seja por demarcar a generalidade, como acontecia na era clássica, seja por exprimir a fragmentação tangível do mundo moderno e contemporâneo. Outro aspecto positivo é que tal prática destaca o poeta, enquanto leitor e autor de uma obra nova, que mesmo sendo perpassada por particularidades de seu tempo e espaço, se lança a uma comunicação com o passado.

3. O TEMPO NOS VERSOS DE SOPHIA DE MELLO

Para analisarmos questões contemporâneas na obra da escritora portuguesa, nos deteremos na relação do sujeito poético com o tempo. Por esse motivo, destacamos o poema “Cidade”.

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta,
Saber que existe o mar e as praias nuas,
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo,
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.

Saber que tomas em ti a minha vida
E que arrastas pela sombra das paredes
A minha alma que fora prometida
Às ondas brancas e às florestas verdes
(ANDRESEN, 2018, p.51)

Tendo por base a comparação entre os poemas “Navegações III”, “Navegações IV” e “Cidade” inferimos, num primeiro momento, uma divisão quanto ao tempo: o passado (tomando por referência a memória das Grandes Navegações e nos referindo aos dois primeiros textos) e o atual, moderno (alusão que estamos direcionando ao terceiro poema).

Dessa leitura, assinalamos que o passado representa a conexão com a natureza (o eu lírico menciona o mar, as praias, as montanhas, as planícies, as florestas) e funciona como uma ideia de oposição à agitação, ao tumulto e ao frenesi do espaço urbano, fato inerente à modernidade, pois foi nesse momento que as cidades cresceram desordenadamente, configurando-se de tal modo, superlotadas. Juntamente com o aumento populacional, os centros urbanos passaram a apresentar problemas estruturais, tais como aumento da violência, sujeira em excesso e outros agravantes sociais. A vegetação foi reduzida, em função das construções de casas, prédios, situação que modificou a aparência dos ambientes naturais e os tornou cada vez mais artificiais.

Numa outra dimensão, destacamos o tempo em que se dá a “aventura a mais incrível”, marcada pelos deslumbramentos das novas descobertas. Essa temporalidade exprime perfeição e é exaltada pelo eu lírico. Por conseguinte, ele deseja guardar tal instante e fazê-lo superior à época moderna, momento em que a vida se acelerou desorganizadamente, se tornando suja, hostil e inutilmente gasta. Octavio Paz (2013) afirma que algumas sociedades primitivas valorizam muito o passado a ponto de torná-lo o arquétipo tanto para o presente quanto para o futuro. Para essas sociedades, a vida social não segue o padrão histórico, mas sim o ritualístico. Desse modo, o passado que o crítico chama de “imemorial” se repete, isto é, “[...] flui continuamente, desemboca no presente e, confundido com ele, é a única atualidade que realmente conta” (p.22). Nesse processo, os ritos e as festas desempenham papel importante, visto que fazem com que o passado esteja presente de forma contínua na sociedade. Sendo assim, o passado representa a perfeição temporal e nele “[...] desaparecem as contradições porque o tempo perfeito é atemporal” (p.22) e ainda: “[...] o passado é um tempo que reaparece e que nos espera ao fim de cada ciclo” (PAZ, 2013, p.23).

O poema “Cidade” ressalta a resistência ao modo de vida mecânico da atualidade, por isso, o sujeito poético recusa-se a permanecer fechado, apenas vendo os muros e as paredes, enquanto poderia desfrutar e aproveitar as delícias da natureza. A conduta da sociedade moderna não é apreciada: o eu lírico exprime falta de pertencimento em relação a esse tempo, por isso, o desejo pelo tempo perfeito (o que guarda as memórias das descobertas e o desejo pela navegação).

O sujeito poético revela um grande desejo de desprender-se do momento atual (pelo qual sente aversão, angústia, desespero) para deslocar-se ao outro, o que representa seu refúgio, seu esconderijo. A preferência é nitidamente para com o passado (período em que era possível o contato com a natureza, ver o crescer do mar, o mudar das luas). O desejo pelo instante em que se desfruta da companhia da natureza é tão grande que o eu lírico afirma que sua alma está prometida às ondas e às florestas verdes, o que nos pode conduzir a uma segunda leitura acerca da dimensão temporal, numa clave aparentemente contraditória. Através da navegação, a vida é bem aproveitada, investida, gasta. Por isso, o eu poético expressa sua paixão pelo mar e pelo ato de navegar (retomando uma experiência voltada ao ato de descobrir que está inscrita num

momento anterior). Isso sugere uma fusão do tempo passado à ideia de contemporaneidade, ou seja, o contemporâneo para o eu lírico seria o passado que exalta e que glorifica por conter uma associação com o fascínio causado pelo ato de descobrir.

Octavio Paz (2013) ressalta que a modernidade lida com um paradoxo na relação temporal:

A tradição do moderno contém um paradoxo maior que o paradoxo que a contradição entre o antigo e o novo, o moderno e o tradicional permite vislumbrar. A oposição entre o passado e o presente literalmente se evapora, porque o tempo transcorre com tal celeridade que as distinções entre os diferentes tempos - passado, presente e futuro - se apagam ou, ao menos, se tornam instantâneas, imperceptíveis, insignificantes. (p.18 -19)

O crítico menciona que, a partir da Idade Moderna, a imagem do tempo modificou-se, o que nos deu a sensação de intensidade quanto ao transcorrer dos anos. A modernidade rompeu tanto com a ideia de tempo cíclico dos povos primitivos quanto com a ideia de tempo finito, inaugurada pelo cristianismo. Assim, a modernidade, desmembrada de qualquer elo com o passado ou princípio mais sólido -, portanto, destituída de padrões -, exalta a mudança; todavia é também essa falta de parâmetros que acentua suas crises. Na mesma esteira, Hannah Arendt (2014) afirma que na modernidade existe um embate entre dois tempos –passado e futuro - que representam duas forças opostas. Pelo comparativo entre os poemas analisados, ilustramos a oposição temporal de que fala Arendt, da seguinte forma: o tempo opressor, o que rege a celeridade e oprime por impedir o equilíbrio, a harmonia; e o tempo cíclico que está ligado à natureza e ao equilíbrio entre os ritmos. O desejo pelo segundo, por representar um tempo perfeito, harmonioso motiva os versos andresenianos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O metaforismo náutico, enquanto *topos* cristalizado na Idade Média, traz em seu bojo questões próprias da conjuntura tradicional. Na contemporaneidade, no entanto, os filtros são outros. O modo como a escritora portuguesa Sophia de Mello faz uso de um molde consagrado, atribuindo-lhe novos deslizamentos de sentidos, revela o

próprio contemporâneo, sobretudo, porque sua obra possibilita leituras acerca de questões ligadas às diferentes crises que permeiam nosso tempo.

O progresso tecnológico do atual cenário promoveu mudanças de pensamentos que interferiram na percepção da aceleração do tempo. A poesia tenta aproveitar o instante, apreender a quietude do momento, como revela o sujeito poético dos versos sophianos que deseja a sobreposição de um momento passado em relação ao que está inserido, e por isso recusa o tempo mecânico que é afetado por transformações sociais, históricas, culturais que impõem desarmonias inerentes a cada conjuntura e das quais não se consegue fugir.

A poesia contemporânea, com suas peculiaridades, estabelece um diálogo com os elementos do passado, uma vez que tanto é influenciada, quanto vai buscar referências para seus trabalhos. Entretanto, o fazer poético se dá de modo particular, pois o contato com a tradição será realizado tendo em vista a existência de especificidades: a criação poética perpassa pela criatividade, subjetividade e ideais do poeta e do contexto em que está mergulhado.

Assim, o artista demonstra sua atenção ao “escuro” do tempo ao qual faz parte, conforme destaca Agamben (2009), se debruçando sobre as incertezas que fazem parte do momento em que está inserido, através do movimento de afastamento em relação ao tempo atual e, em seguida, de retorno a ele. É esse distanciamento que permite a visão do todo e ao refletir sobre o passado, os poemas aqui analisados expressam anseios que estão presentes na contemporaneidade e que são postos em relevo por meio das metáforas náuticas e por meio da busca pela perfeição temporal, face à balbúrdia e confusão instauradas com o estilo de vida moderno.

Portanto, o tempo constitui-se elemento preponderante para a emergência de questões atreladas à crise da modernidade, que por sua vez interfere no fazer poético. Nesse sentido, a crise na Literatura (devido à ruptura com a tradição que instituiu novos padrões) modificou as produções literárias, em especial, a partir do século XX. Na poesia, as incertezas e dúvidas decorrentes da ausência de parâmetros acerca do fazer poético acentuaram a crise no meio dos autores que intensificaram os questionamentos sobre o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o passado, o presente e o futuro.

O poeta contemporâneo situa-se num momento em que não há mais convenções que precisam ser transmitidas, bem como não é obrigado a dar continuidade a ideais modernos. Não dá para retroceder no tempo, repetindo as mesmas práticas de períodos anteriores, já que o momento atual movimenta outras forças que são agentes de mudanças. Porém, ainda que na contemporaneidade não se produza mais o mesmo tipo de Literatura que se fazia quando eram vigentes os preceitos da tradição, tais produções possuem autonomia, qualidade e mérito, uma vez que os poetas se propõem a realizar leituras acerca do período em que estão mergulhados e de suas implicações individuais e coletivas; bem como possuem o mérito de atualizarem os modelos tradicionais (tarefa que realizam de forma criativa e particular).

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Mar**. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 2001.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradutor: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7ª ed. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Tradução: Teodoro Cabral (com colaboração de Paulo Rónai). São Paulo: Edusp, 2013.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PIRES, Antônio Donizeti. Lugares-comuns da lírica, ontem e hoje. **Linguagem – Estudos e Pesquisas, Catalão**, vols.10-11-2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/34355/18093>. Acesso em: 20 de maio 2018.

RIBEIRO, Patrícia. **A crise na modernidade na poesia de Hilda Hilst e Sophia de Mello Breyner Andresen**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, 2017.

SPINA, Segismundo. **Introdução à poética clássica**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TRINGALI, Dante. **Navegar não é preciso**. In: Horácio poeta da festa: navegar não é preciso. São Paulo: Musa Editora, 1995.